



Teoria Musical

Para
leigos

Tradução da 3ª Edição

Michael Pilhofer
Holly Day



ALTA BOOKS
E D I T O R A
Rio de Janeiro, 2018

Sumário Resumido

Introdução	1
Parte 1: Começando com a Teoria Musical	5
CAPÍTULO 1: Afinal, o que É Teoria Musical?	7
CAPÍTULO 2: Definindo Quanto as Notas Valem	13
CAPÍTULO 3: Fazendo uma Pausa	27
CAPÍTULO 4: Pegue no Compasso	35
CAPÍTULO 5: A Batida Perfeita	49
Parte 2: Juntando as Notas	57
CAPÍTULO 6: Notas Musicais (e Onde Encontrá-las)	59
CAPÍTULO 7: Dominando Escalas Maiores e Menores	77
CAPÍTULO 8: Armaduras de Clave e o Círculo das Quintas	93
CAPÍTULO 9: Intervalo: Distância entre Dois Sons	107
CAPÍTULO 10: Formando Acordes	131
CAPÍTULO 11: Progressões de Acordes	163
Parte 3: Tocando com Andamento e Dinâmica	181
CAPÍTULO 12: Variando os Sons com Andamento e Dinâmica	183
CAPÍTULO 13: Timbres e Acústica dos Instrumentos	195
Parte 4: Expressão Musical Através da Forma	201
CAPÍTULO 14: Os Alicerces: Ritmo, Melodia, Harmonia e Forma Musical	203
CAPÍTULO 15: Contando com as Formas Clássicas	215
CAPÍTULO 16: Valendo-se de Gêneros e Formas Populares	225
Parte 5: A Parte dos Dez	233
CAPÍTULO 17: Dez Perguntas Frequentes	235
CAPÍTULO 18: Dez Formas de Ler uma Partitura	243
CAPÍTULO 19: Dez Teóricos que Você Precisa Conhecer	247
Parte 6: Apêndices	257
APÊNDICE A: Faixas de Áudio	259
APÊNDICE B: Quadros de Acordes	263
APÊNDICE C: Glossário	301
Índice	305

Sumário

INTRODUÇÃO	1
Sobre Este Livro.....	1
Penso que.....	2
Ícones Usados Neste Livro.....	2
Além Deste Livro.....	3
De Lá para Cá, Daqui para Lá.....	3
PARTE 1: COMEÇANDO COM A TEORIA MUSICAL	5
CAPÍTULO 1: Afinal, o que É Teoria Musical?	7
Desde os Tempos Mais Primórdios.....	8
Teoria Musical em Cena.....	9
Entendendo o básico: Notas, pausas e tempos.....	9
Manipulando e combinando notas.....	9
Estudando formas musicais e composições.....	10
Vendo Como a Teoria Ajuda a Sua Música.....	11
CAPÍTULO 2: Definindo Quanto as Notas Valem	13
Conhecendo a Batida.....	14
Reconhecendo Notas e Seus Valores.....	15
Examinando as notas e seus elementos.....	15
Observando os valores das notas.....	17
Conferindo as Semibreves.....	18
Localizando as Mínimas.....	19
Considerando as Semínimas.....	20
Examinando Colcheias e Outras Notas Menores.....	21
Aumentando as Notas com Pontos e Ligaduras.....	22
As notas pontuadas.....	22
As ligaduras.....	23
Combinando Tudo.....	24
CAPÍTULO 3: Fazendo uma Pausa	27
Conhecendo as Pausas.....	28
A pausa da semibreve.....	28
A pausa da mínima.....	29
A pausa da semínima.....	30
As pausas da colcheia e outras menores.....	30
Pausas Pontuadas.....	32
Na Batida com Notas e Pausas.....	32
CAPÍTULO 4: Pegue no Compasso	35
Descobrimo o Segredo do Compasso.....	35

Simplificando com Compassos Simples	37
Usando compassos para contar no tempo simples	38
Praticando a contagem no compasso simples	41
Trabalhando com as Fórmulas de Compasso Composto	42
Usando as barras de compasso para contar o compasso composto	43
Praticando a contagem no compasso composto	44
Sentindo o Pulso das Fórmulas Assimétricas de Compasso	45

CAPÍTULO 5: A Batida Perfeita49

Criando Padrões de Acentuação e Síncopes	49
Achando a acentuação: Regras gerais	50
Síncope: Pulando a batida	50
Saltando com a Anacruse	52
Explorando Ritmos Irregulares: Tercinas e Duínas	54
Deixando interessante com as tercinas	54
Trabalhando com duínas	55

PARTE 2: JUNTANDO AS NOTAS 57

CAPÍTULO 6: Notas Musicais (e Onde Encontrá-las)59

Conhecendo a Pauta, as Claves e as Notas	60
A clave de Sol	61
A clave de Fá	61
O sistema e o Dó Central	62
Clave de Dó: A clave de contralto e tenor	63
Identificando Semitons, Tons e Acidentes	64
Suando a camisa com semitons	64
Um tom completo	67
Alterando tons com acidentes	68
Encontrando as Notas no Piano e no Violão	72
Encontrando as notas no piano	72
Escolhendo notas no violão	73
Dicas para Se Lembrar das Notas	74

CAPÍTULO 7: Dominando Escalas Maiores e Menores.....77

Seguindo o Padrão das Escalas Maiores	78
Escalas maiores no piano e no violão	79
Ouvindo as escalas maiores	82
Descobrimdo o que as Escalas Menores Têm a Oferecer	83
Tocando escalas menores naturais no piano e no violão	84
Divertindo-se com as harmônicas menores no piano e no violão	86
Fazendo uma música incrível com as menores melódicas	88
Ouvindo as escalas menores	90

CAPÍTULO 8: Armaduras de Clave e o Círculo das Quintas93

Entendendo o Círculo das Quintas e Reconhecendo as
Armaduras de Clave Maiores 94
 Sustenidos: Erade ao Sol Reza Lá a Missinha. 96
 Bemóis: Bingo É a Diversão Garantida com Farofa. 97
Encontrando as Armaduras dos Tons Menores e
Seus Relativos 97
Visualizando Armaduras de Clave 98
 Dó Maior e Lá menor natural 98
 Sol Maior e Mi menor natural 99
 Ré Maior e Si menor natural 100
 Lá Maior e Fá sustenido menor natural 101
 Mi Maior e Dó sustenido menor natural 101
 Si Maior e Dó bemol Maior, e Sol sustenido menor natural
 e Lá bemol menor natural 102
 Fá sustenido Maior e Sol bemol Maior, e Ré sustenido
 menor natural e Mi bemol menor natural 103
 Dó sustenido Maior e Ré bemol Maior, e Lá sustenido
 menor natural e Si bemol menor natural 103
 Lá bemol Maior e Fá menor natural 104
 Mi bemol Maior e Dó menor natural 104
 Si bemol Maior e Sol menor natural 105
 Fá Maior e Ré menor natural 105

CAPÍTULO 9: Intervalo: Distância entre Dois Sons 107

Detalhando Intervalos Harmônicos e Melódicos 108
 Quantidade: Contando linhas e espaços 109
 Qualidade: Considerando semitons 111
 Nomeando intervalos 112
Observando Uníssonos, Oitavas, Quartas e Quintas 112
 Uníssonos justos 112
 Uníssonos aumentados 113
 Oitavas 113
 Quartas 114
 Quintas 116
Reconhecendo Segundas, Terças, Sextas e Sétimas 117
 Segundas 118
 Terças 121
 Sextas e sétimas 123
Formando Intervalos 123
 Determinando a quantidade 123
 Determinando a qualidade 124
Mostrando Intervalos Maiores e Justos na Escala de Dó Maior ... 126
Conferindo Intervalos Compostos 127
 Criando um intervalo composto 127
 Transformando um intervalo composto em simples 128

CAPÍTULO 10: Formando Acordes 131

Criando Tríades com Três Notas	132
Tônica, terça e quinta	132
Tríades maiores	134
Tríades menores	136
Tríades aumentadas	137
Tríades diminutas	139
Expandindo para Acordes de Sétima	140
Sétimas maiores	141
Sétimas menores	142
Sétimas da dominante	143
Acorde com sétima da sensível	143
Sétimas diminutas	144
As sétimas menores maiores	145
Olhando Todas as Tríades e Sétimas	145
Lá	146
Lá bemol	146
Si	146
Si bemol	147
Dó	147
Dó bemol	147
Dó sustenido	148
Ré	148
Ré bemol	149
Mi	149
Mi bemol	149
Fá	150
Fá sustenido	150
Sol	151
Sol bemol	151
Invertendo as Notas em Tríades	151
Observando acordes abertos e fechados	152
Identificando acordes invertidos	152
Explorando Acordes Complexos	155
Acordes de nona	155
Acordes menores de nona	156
Acordes maiores de nona	157
Acordes de nona e quinta aumentada	157
Acorde de nona e quinta diminuta	158
Acordes de sétima e nona diminuta	158
Acordes de nona aumentada	158
Acordes de décima primeira	159
Acordes de décima terceira	160

CAPÍTULO 11: Progressões de Acordes 163

Revisando Acordes Diatônicos, Cromáticos e Modos da Escala Menor	164
--	-----

Identificando e Nomeando Progressões de Acordes	165
Atribuindo graus e nomes	165
Observando progressões de acordes em tons maiores	166
Conferindo progressões de acordes em tons menores	168
Adicionando uma Sétima à Tríade	169
Vendo (e Ouvindo) as Progressões de Acordes em Ação	171
Aplicando o Estudo dos Acordes a Partituras Simplificadas e Tablaturas	173
Modulando para um Novo Tom	174
Criando Cadências Musicais com Progressões de Acordes	175
Cadência autêntica	176
Cadência plagal	177
Cadência deceptiva	179
Meia cadência	179

PARTE 3: TOCANDO COM ANDAMENTO E DINÂMICA. 181

CAPÍTULO 12: **Variando os Sons com Andamento e Dinâmica 183**

Entendendo o Andamento da Música	184
Estabelecendo um andamento universal: O mínimo	184
Mantendo o andamento com o metrônomo	185
Traduzindo a notação do andamento	186
Acelerando e reduzindo: Mudando o andamento	187
Lidando com a Dinâmica: Intenso e Suave	188
Modificando as frases	189
Conferindo outras marcas de dinâmica	190
Observando a dinâmica do pedal do piano	191
Indicações de dinâmica para outros instrumentos	193

CAPÍTULO 13: **Timbres e Acústica dos Instrumentos 195**

Investigando o Timbre	196
Ataque: Conferindo o som inicial de uma nota	196
Timbre: Ouvindo o corpo de uma nota	197
Decaimento: Escutando o som final de uma nota	198
Formando a Banda: Aula de Acústica	199

PARTE 4: EXPRESSÃO MUSICAL ATRAVÉS DA FORMA 201

CAPÍTULO 14: **Os Alicerces: Ritmo, Melodia, Harmonia e Forma Musical 203**

Estabelecendo o Ritmo	204
Dando Cara à Melodia	205
Complementando a Melodia com a Harmonia	207
Lidando com Frases e Períodos Musicais	208

Conectando Seções para Criar Formas.....	210
Forma simples (A)	211
Forma binária (AB)	211
A forma canção (ABA).....	211
A forma em arco (ABCBA)	212

CAPÍTULO 15: Contando com as Formas Clássicas..... 215

Uma Revelação Clássica.....	215
Investigando a Sonata	216
Começando com a exposição.....	217
Começando algo novo: Desenvolvimento	218
Descansando com a recapitulação	218
Rondando o Rondó.....	219
Descobrimo a Fuga	220
Combinando Formas em uma Sinfonia.....	221
Observando Outras Formas Clássicas.....	222
Concerto.....	222
Dueto.....	223
Estudo.....	223
Fantasia.....	223

CAPÍTULO 16: Valendo-se de Gêneros e Formas Populares..... 225

Sentindo o Blues.....	226
Blues de 12 compassos.....	226
Blues de 8 compassos.....	227
Blues de 16 compassos.....	228
Blues de 24 compassos.....	228
As baladas e o country do blues de 32 compassos.....	228
Curtindo Adoidado com Rock e Pop	229
Improvísando com Jazz.....	231

PARTE 5: A PARTE DOS DEZ..... 233

CAPÍTULO 17: Dez Perguntas Frequentes..... 235

Por que a Teoria Musical É Importante?	236
Se Posso Tocar sem Saber Teoria, para que Aprendê-la?	236
Por que a Teoria É Centrada no Piano?.....	237
Há uma Maneira Rápida e Fácil de Aprender a Ler Música?.....	237
Como Identificar o Tom pela Armadura de Clave?	238
Como Faço Transposição para Outro Tom?.....	239
Aprender Teoria Vai Reduzir Minha Capacidade de Improvisar? ..	239
Preciso Saber Teoria se Sou Baterista?	240
De Onde Vieram as 12 Notas Musicais?	240
Como a Teoria Ajuda a Memorizar uma Música?	241

CAPÍTULO 18: Dez Formas de Ler uma Partitura	243
O Básico	244
Folha de Partitura	244
Partituras Completas	244
Partituras Reduzidas	244
Partituras de Estudo	245
Partituras de Piano	245
Partituras Encurtadas	245
Partituras de Voz	245
Cifras e Tablaturas	246
Notação de Baixo Figurativo	246
CAPÍTULO 19: Dez Teóricos que Você Precisa Conhecer	247
Pitágoras (582–507 a.C.)	248
Boécio (480–524 d.C.)	249
Gerbert d'Aurillac/Papa Silvestre II (950–1003)	250
Guido D'Arezzo (990–1040)	250
Nicola Vicentino (1511–1576)	251
Christiaan Huygens (1629–1695)	251
Arnold Schoenberg (1874–1951)	252
Harry Partch (1901–1974)	253
Karlheinz Stockhausen (1928–2007)	253
Robert Moog (1934–2005)	254
PARTE 6: APÊNDICES	257
APÊNDICE A: Faixas de Áudio	259
APÊNDICE B: Quadros de Acordes	263
APÊNDICE C: Glossário	301
ÍNDICE	305

1

**Começando
com a Teoria
Musical**

RASGUMMO

NESTA PARTE...

Conheça os fundamentos da teoria musical.

Entenda notas e pausas.

Leia fórmulas de compasso.

Descubra padrões e ritmos.

- » Conferindo a história da música
- » Descobrimos os fundamentos da teoria
- » Entendendo como a teoria afeta sua forma de tocar

Capítulo **1**

Afinal, o que É Teoria Musical?

Uma das coisas mais importantes para lembrar sobre a teoria musical é que a música veio primeiro. Ela já existia há milhares de anos antes que a teoria viesse para explicar o que as pessoas estavam tentando alcançar quando batiam em seus tambores. Então, nunca pense que você não pode ser um bom músico só porque nunca teve uma aula teórica. Na verdade, se for um bom músico, você já sabe bastante teoria. Talvez apenas não saiba as palavras ou as fórmulas técnicas para o que está fazendo.

Os conceitos e regras que compõem a teoria musical são bem parecidos com as regras gramaticais que governam a língua escrita (que também surgiram após as pessoas já terem aprendido com sucesso como conversar umas com as outras). Assim como a capacidade de transcrever a linguagem possibilitou que pessoas distantes “escutassem” conversas e histórias da maneira que o autor pretendia, ser capaz de transcrever a música possibilita que outros músicos leiam e toquem as composições exatamente como o compositor queria. Aprender a ler música é muito parecido com aprender uma nova língua, de forma que uma pessoa experiente possa “escutar” uma “conversa” musical ao ler uma partitura.

O mundo está cheio de pessoas que não sabem ler e escrever, mas comunicam seus pensamentos e sentimentos muito bem verbalmente. Da mesma maneira, há muitos músicos intuitivos e autodidatas por aí, que jamais aprenderam a ler e escrever música e acham toda essa ideia tediosa e desnecessária. Entretanto, de forma similar aos saltos educacionais que podem advir com o aprendizado da leitura e da escrita, a teoria musical auxilia os músicos a aprender novas técnicas, tocar estilos musicais com os quais não estão familiarizados e desenvolver a confiança de que precisam para experimentar novos desafios.

Desde os Tempos Mais Primórdios

Pelo que a história conta, na época em que o mundo antigo começava a se estabelecer — cerca de 7000 a.C. — os instrumentos musicais já tinham atingido a complexidade atual. Por exemplo, as flautas feitas de osso desse período eram perfeitamente possíveis de se tocar, e curtas performances foram gravadas com elas para que os ouvintes modernos possam ouvir.

Similarmente, os pictogramas e ornamentos funerários mostram que, por volta de 3500 a.C., os egípcios inventaram a harpa ou ao menos a usavam bastante, assim como os clarinetes de palheta dupla, as liras e uma versão própria da flauta. Por volta de 1500 a.C., os hititas do norte da Síria modificaram o formato tradicional da harpa, ou alaúde, dos egípcios e inventaram o primeiro violão de duas cordas, com um braço longo e trasteado, cravelhas de afinação no topo do braço e um corpo oco para amplificar o som das cordas ao serem puxadas.



LEMBRE-SE

Muitas perguntas sobre música antiga permanecem sem resposta, como por que tantas culturas diferentes apareceram com muitas das mesmas qualidades tonais em suas músicas, de forma completamente independente umas das outras. Muitos teóricos concluíram que alguns padrões de notas soam corretos para certos ouvintes e outros, não. Teoria musical, então, poderia ser simplificada como uma busca de como e por que a música soa certo ou errado. Em outras palavras, o objetivo da teoria musical é explicar *por que* algo soou de determinada maneira e *como* reproduzi-la.

Muitas pessoas consideram a Grécia Antiga o verdadeiro lugar em que a teoria musical nasceu. Isso porque os gregos antigos iniciaram as escolas de filosofia e ciências, formadas em torno dos pilares de cada um dos aspectos musicais conhecidos na época. Até Pitágoras (o cara do triângulo) entrou em cena ao criar a escala cromática que usamos ainda hoje (veja o Capítulo 7). Ele a criou por meio do primeiro ciclo das quintas (veja o Capítulo 8), um artifício ainda usado religiosamente por músicos de todos os estilos.

Aristóteles, outro famoso cientista e filósofo grego, foi responsável por muitos livros sobre teoria musical. Ele iniciou uma forma rudimentar de notação

musical que permaneceu em uso na Grécia e nas culturas subsequentes por aproximadamente mil anos após sua morte.

Na verdade, bastante conteúdo de teoria musical foi criado na Grécia Antiga, e não pareceu haver a necessidade de se fazer mudanças substanciais até a Renascença Europeia, cerca de 2 mil anos depois. Os vizinhos e conquistadores da Grécia ficaram mais do que felizes em incorporar matemática, ciências, filosofia, arte, literatura e música gregas às próprias culturas.

Teoria Musical em Cena

Ainda que fosse ótimo ser uma daquelas pessoas que pegam qualquer instrumento e tocam lindas músicas sem nenhum treinamento específico, a maioria das pessoas necessita de algum tipo de instrução estruturada, seja um professor ou a leitura de um livro. Nas seções a seguir, damos as informações básicas de que precisa para começar a aprender a ler música, interpretar escalas, entender tonalidades de claves, formar acordes e compor com formas.

Entendendo o básico: Notas, pausas e tempos

Aprender a ler música é essencial para um músico, especialmente aquele que quer compartilhar sua música com outros músicos ou descobrir o que estão tocando. Estudar os elementos básicos, como valores de tempo de cada tipo de nota escrita (veja o Capítulo 2), pausas musicais (veja o Capítulo 3), fórmulas de compasso (veja o Capítulo 4) e ritmo (veja o Capítulo 5), é estar no caminho para dominar a música. Todos esses elementos se reúnem para estabelecer uma base que lhe permite lê-la, tocá-la e estudá-la.

Manipulando e combinando notas

Ler notas musicais agudas e graves nas claves de Sol e de Fá, bem como encontrar notas no piano e na guitarra — os dois instrumentos mais comuns que as pessoas aprendem a tocar — é crucial para se fazer e estudar música. O Capítulo 6 lhe dá essa visão completa.

Ao ler notas em partituras, você determina a *armadura de clave* de uma obra musical, um grupo de símbolos que lhe diz em que tom a música foi escrita. Você pode usar o círculo das quintas para treinar a leitura de armaduras de claves, considerando os sustenidos e bemóis em uma fórmula de compasso. Você lê mais sobre as armaduras de clave e o círculo das quintas no Capítulo 8.

TECLADO E NOTAÇÃO MUSICAL

Antes do período renascentista, houve poucas mudanças inovadoras na tecnologia musical. Os instrumentos de corda, os de sopro feitos de madeira, de chifres e instrumentos de percussão já existiam há milhares de anos e, apesar de terem sido submetidos a muitas melhorias no formato e na técnica, eram essencialmente os mesmos instrumentos usados pelos povos da antiga Mesopotâmia. Só por volta do ano 1300 um instrumento musical completamente novo apareceu: o teclado.

Com a invenção do teclado, surgiu a notação moderna da música — a música escrita. Ela se propagou devido à facilidade para compor para orquestras inteiras. Além disso, a maioria das obras então encomendadas foi criada nesses moldes por causa da já mencionada percepção de superioridade do instrumento por parte do público.

Os compositores franceses do século XV adicionavam quantas linhas precisavam às partituras (consulte o Capítulo 6 para saber tudo sobre a partitura musical). Eles também escreviam músicas com diversas partituras para serem tocadas simultaneamente por diferentes instrumentistas. Como há muitas notas em um teclado, partituras separadas para a mão esquerda e para a direita começaram a ser usadas: a clave de fá e a clave de sol.

Como vemos no Capítulo 10, o teclado tem a vantagem de formar acordes de maneira incrivelmente simples. Por volta do século XVII, a partitura com cinco linhas foi considerada o padrão para a maioria dos instrumentos — provavelmente porque era mais barato e fácil de produzir somente um tipo de partitura para que os músicos escrevessem suas composições. O sistema não mudou muito ao longo dos últimos quatro séculos e, provavelmente, não mudará até que uma nova interface instrumental mais inovadora e com maior apelo entre em cena.

Depois que se familiarizar com as claves, você passará para intervalos, acordes e progressões de acordes, que criam a complexidade dos sons — de agradável e tranquilo a tenso e urgente. Como discutimos no Capítulo 9, você forma escalas e acordes com intervalos simples ou compostos: melódico e harmônico. Os Capítulos 10 e 11 mostram tudo o que você precisa saber sobre formação e progressão de acordes, bem como montar e usar acordes estendidos.

Estudando formas musicais e composições

As principais músicas populares e clássicas são compostas com formas específicas. Uma *forma* é um modelo usado para criar um certo tipo de música. Os fundamentos das formas incluem frases e períodos musicais (que abordaremos no Capítulo 14), e ritmo, melodia e harmonia entram em cena para criar o *gênero*, ou estilo de uma música.

Ao sentar-se para escrever uma música, você escolhe a forma para seguir; por exemplo: clássica ou popular. Você pode escolher entre muitas formas clássicas e populares, incluindo sonatas, concertos, blues de 16 compassos e estrófica (os Capítulos 15 e 16 fornecem informações sobre as formas existentes). Você cria sons variados conforme a forma que escolher, tocando no tempo, dinâmica e timbre do instrumento (veja os Capítulos 12 e 13 para saber mais).

Vendo Como a Teoria Ajuda a Sua Música

Caso não entenda muito, talvez ache que músicas podem começar em qualquer nota, seguir em qualquer direção e simplesmente parar quando o músico sentir vontade de se levantar para tomar um copo de chá gelado. Apesar de muitos de nós já termos presenciado performances musicais que de fato seguem esse estilo de “composição”, para a maioria, elas são confusas, insignificantes e parecem meio sem propósito.

As únicas pessoas que têm *bom* desempenho com improvisos são as que conhecem música o suficiente para montar os acordes e notas próximos de forma que soem naturais para os ouvintes. E, como a música é uma forma de comunicação intrínseca, conectar-se com os ouvintes é o que, de fato, importa.

Aprender teoria musical também é incrivelmente inspirador. Nada descreve as luzes que se acendem em sua mente quando de repente você sabe como reunir uma progressão de blues de 12 compassos e tirar uma canção realmente boa dela. Ou quando você olha para uma peça de música clássica e se percebe ansioso em tocá-la pela primeira vez. Ou ainda a primeira ocasião em que se senta para fazer uma improvisação com seus amigos e descobre que possui confiança para assumir a liderança.



LEMBRE-SE

Como músico, o fato inescapável é o seguinte: o que você tem da música é o que coloca nela. Se quiser ser capaz de tocar música clássica, você precisa de uma visão geral e saber como manter uma batida constante. Se pretende se tornar um guitarrista de rock, saber quais notas precisa tocar em uma determinada clave é especialmente importante. Saber tocar exige muita disciplina pessoal; mas, no final das contas, todo o trabalho árduo vale a pena. Além disso, é claro, tocar é divertido, e saber tocar bem é incrivelmente divertido. Todo mundo adora uma estrela do rock, um bom jazz ou um aspirante a Mozart.

- » Entendendo ritmo, batida e tempo
- » Revisando notas e seus valores
- » Contando (e batendo palmas para indicar) diferentes notas
- » Entendendo ligadura e notas pontuadas
- » Combinando valores de notas e as contando

Capítulo 2

Definindo Quanto as Notas Valem

Praticamente todo mundo já teve algum tipo de lição musical, sejam particulares, de algum professor local de piano, ou aquelas básicas oferecidas nas escolas. Seja como for, a certa altura todos tivemos que marcar o tempo, mesmo que apenas batendo palmas.

Talvez as lições musicais parecessem sem sentido naquela época, ou apenas uma grande desculpa para dar um tapa na cabeça do seu colega no Ensino Fundamental. Entretanto, contar o tempo é exatamente o ponto em que devemos iniciar a música. Sem um ritmo definido, não existe ordem na música e nem há com o que dançar ou balançar a cabeça. Apesar de todas as outras partes da música (o tom, a melodia, a harmonia etc.) serem bastante importantes, sem o ritmo não há canção.



LEMBRE-SE

Tudo a sua volta tem um ritmo próprio, e isso inclui você. Na música, o *ritmo* é o padrão dos pulsos regulares ou irregulares. A tarefa mais básica que você tem que realizar é encontrar o ritmo nas canções. Por sorte, a música escrita facilita a interpretação das obras dos outros compositores e a produção do tipo de ritmo que eles tinham em mente para suas composições.

Neste capítulo, damos a você uma introdução sólida do básico sobre contar notas e descobrir o ritmo, a batida e o tempo de uma música.

Conhecendo a Batida

A *batida* é uma pulsação que divide o tempo em comprimentos iguais. Um relógio de corda é um bom exemplo. A cada minuto o ponteiro soa 60 vezes e cada uma dessas vezes é uma batida. Se você acelerar ou diminuir a velocidade do ponteiro, estará mudando o *andamento* da batida. As *notas* dizem a você o que tocar em cada um desses cliques do ponteiro. Em outras palavras, elas indicam quantas vezes e por quanto tempo deve tocar certo *tom* musical — o som agudo ou grave que uma nota específica produz — dentro daquela batida.

Quando você pensa na palavra *nota* em relação à música, pode pensar em um som. Entretanto, na música, uma das funções principais das notas musicais é explicar exatamente quanto tempo um tom específico deve ser cantado pela voz ou tocado pelo instrumento. O *valor das notas*, indicado por seu tamanho e forma, determina seu comprimento. Junto com as três características anteriores, o valor da nota determina que tipo de ritmo a obra musical resultante terá, quer seja executada bem rápida e alegremente, quer de forma lenta e sombria ou ainda de outra maneira qualquer.

Ao entender como seguir a batida, as *baquetas* (instrumentos cilíndricos de madeira) são realmente úteis. Se tiver um par, pegue-o. Se não tiver, bater palmas ou bater suas mãos em bongôs ou em sua mesa também funciona.



LEMBRE-SE

Por fim, “ouvir” uma batida em sua cabeça (ou “senti-la” em seu corpo) é absolutamente fundamental enquanto se toca, independentemente de você estar lendo uma partitura ou tocando com outros músicos. O único jeito de dominar essa tarefa básica é *praticar, praticar, praticar*. Seguir a batida é algo que você precisa entender se quer progredir na música.



DICA

Talvez a maneira mais fácil de praticar tocar com uma batida constante seja comprar um metrônomo. Eles são muito baratos (inclusive, você encontra aplicativos para seu smartphone). Mesmo um metrônomo ruim deve durar anos. A vantagem de um metrônomo é que você pode ajustá-lo para uma ampla gama de tempos, de muito, muito lento para o The Flash. Se estiver usando um metrônomo para praticar — especialmente se estiver lendo uma partitura —, pode definir a batida para a velocidade com que você se sente confortável e gradualmente a acelerar até a velocidade prevista pelo compositor quando já estiver familiarizado com o ritmo da música.

Reconhecendo Notas e Seus Valores

Se pensar na música como uma linguagem, as notas musicais são as letras do alfabeto — o básico para a formação de uma obra musical. Estudar como o valor de cada nota se relaciona com o das outras em uma partitura é ainda mais importante do que os tons musicais, porque se você alterar os valores das notas obterá uma música completamente diferente. Na verdade, quando os músicos dizem tocar alguma obra musical “no estilo” de Bach, Beethoven ou Philip Glass, é mais que provável que estejam se referindo ao uso da estrutura do ritmo e das características do andamento da música daquele compositor em particular do que a qualquer predileção por progressões de acordes ou escolha de melodias.

Nesta seção, daremos uma olhada demorada nas notas e sua composição. Também discutimos os conceitos básicos sobre os valores das notas. Para obter informações mais detalhadas sobre elas, consulte o Capítulo 6.

Examinando as notas e seus elementos

As notas consistem em três elementos específicos: a cabeça, a haste e o colchete, ou bandeirola (veja a Figura 2-1).

- » **Cabeça:** A *cabeça* é parte redonda da nota. Todas a têm.
- » **Haste:** A *haste* é a reta acoplada à cabeça. Colcheias, semínimas e mínimas têm haste.
- » **Colchete:** O *colchete* é a pequena linha que sai da parte inferior ou superior da haste da nota. Colcheias e notas mais curtas têm colchetes.



LEMBRE-SE

As hastes podem apontar para cima ou para baixo, dependendo da posição em que estão na *partitura* (você descobre tudo sobre partituras nos Capítulos 4 e 6). A haste apontar para cima ou para baixo não influencia no valor da nota.

FIGURA 2-1:

A nota semibreve só tem cabeça; a semínima, cabeça e haste; e a colcheia, cabeça, haste e colchete.

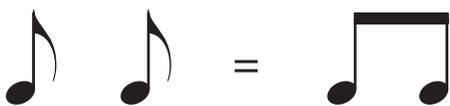


© John Wiley & Sons, Inc.

Em vez de cada nota ter um colchete, as notas também podem ser conectadas umas às outras com uma *barra de ligação*, que é apenas uma forma de organizá-las visualmente. Por exemplo, a Figura 2-2 mostra como duas colcheias podem ser escritas cada uma tendo um colchete ou conectadas por uma barra de ligação.

FIGURA 2-2:

As colcheias podem ser conectadas por barras de ligação em vez de cada uma ter um colchete individual.



© John Wiley & Sons, Inc.

A Figura 2-3 mostra quatro semicolcheias com colchetes agrupadas de três maneiras: individuais, em dois pares conectados por uma barra de ligação dupla, e todas as quatro unidas por uma barra de ligação dupla. Não importa a forma como são escritas, elas produzirão o mesmo som quando tocadas.

FIGURA 2-3:

Esses três grupos de semicolcheias, escritas de três maneiras diferentes, produzirão o mesmo som quando tocados.



© John Wiley & Sons, Inc.

Da mesma forma, oito fusas podem ser escritas de qualquer uma das maneiras mostradas na Figura 2-4. Note que as fusas têm *três* colchetes (ou três bandeirolas). Usar barras de ligação em vez de colchetes individuais em notas é simplesmente uma maneira de limpar uma partitura que ficaria muito desorganizada. As barras de ligação ajudam os músicos, permitindo-lhes ver onde estão as batidas de tempo forte. Em vez de ver 16 semicolcheias desconectadas, é útil para um músico ver quatro grupos de quatro semicolcheias conectadas por uma barra de ligação.

FIGURA 2-4:

Tal qual as colcheias e semicolcheias, as fusas podem ser escritas separadamente ou com colchetes unidos.



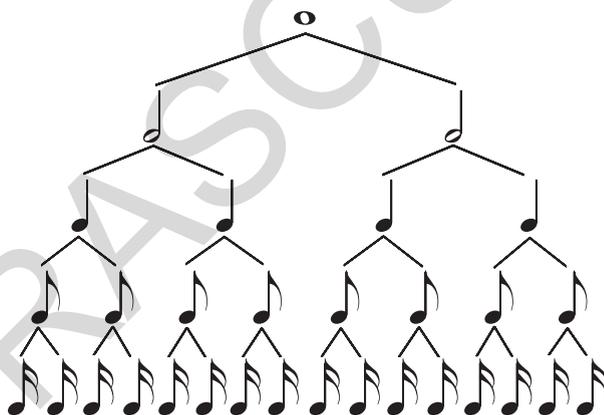
© John Wiley & Sons, Inc.

Observando os valores das notas

Como talvez você se lembre da escola ou das aulas de música, cada nota possui o próprio *valor*. Antes de entrar nos detalhes sobre cada tipo de nota de que falamos neste capítulo, dê uma olhada na Figura 2-5, que exemplifica a maioria dos tipos de nota que você encontrará nos arranjos musicais, de forma que os valores delas somem o mesmo em cada fila. Cada nível da “árvore de notas” é igual aos outros. No topo está a semibreve; abaixo, as mínimas; então, as semínimas, colcheias e, finalmente, as semicolcheias, na parte inferior.

FIGURA 2-5:

Cada nível dessa árvore de notas dura tantas batidas quanto os outros.



© John Wiley & Sons, Inc.



DICA

Outra forma de encarar as notas musicais é imaginar a semibreve como uma torta, o que é fácil, porque ela é redonda. Para repartir a torta em semínimas, corte-a em quatro. Se você cortá-la em oito, a repartirá em colcheias, e assim por diante.

Dependendo da fórmula do compasso da obra musical (veja o Capítulo 4), o número de tempos por nota varia. No compasso mais comum, o 4/4, também chamado de *compasso simples*, uma semibreve possui a duração de quatro tempos; uma mínima, de dois, e uma semínima, de um tempo. Uma colcheia tem a duração de meio-tempo e uma semicolcheia dura apenas um quarto do compasso 4/4.



DICA

Muitas vezes, a semínima é igual a uma batida. Se você canta: “MA-RIA-TI-NHAUM-CAR-NEI-RI-NHO”, cada sílaba (exceto a elisão “nha+um”, que contará como uma única “sílabas”) é uma batida (você pode bater palmas junto com elas); cada uma recebendo uma semínima, se a música estiver em um tempo 4/4. Você descobrirá muito mais sobre compasso e batidas no Capítulo 4.

Conferindo as Semibreves

A semibreve é a nota que tem a maior duração. A Figura 2-6 mostra como ela é.

FIGURA 2-6:

Uma semibreve é um ovo oco.



© John Wiley & Sons, Inc.

No compasso 4/4, a semibreve dura todos os seus quatro tempos (veja o Capítulo 4 para saber mais sobre os compassos). Para preencher os quatro tempos (uma semibreve), você não precisa fazer nada além de a tocar e segurar. É isso.

Geralmente, para contar valores de notas, você bate palmas ou toca a nota e diz em voz alta as batidas restantes. Você conta as batidas de semibreves como o mostrado na Figura 2-7, assim:

PALMA dois três quatro PALMA dois três quatro PALMA dois três quatro

“PALMA” significa que você bate palmas e “dois três quatro” é o que você diz em voz alta enquanto a nota é sustentada por quatro tempos.

FIGURA 2-7:

Quando você vê três semibreves em sequência já sabe que cada uma possui a própria “contagem de quatro tempos”.



© John Wiley & Sons, Inc.

Ainda melhor para um músico cansado é topar com uma breve. Você não a vê com muita frequência, porém, quando a vê, ela se parece com a Figura 2-8, e é comumente usada em músicas lentas ou medievais. Quando vir uma breve, você tem que sustentá-la por uma contagem inteira de oito tempos, assim:

PALMA dois três quatro cinco seis sete oito

FIGURA 2-8:

Uma breve é sustentada pelo dobro do tempo de uma semibreve.



© John Wiley & Sons, Inc.

Outra maneira comum de tocar uma nota musical que dure oito tempos é quando duas semibreves estão ligadas. As *ligaduras* serão discutidas posteriormente neste capítulo.

Localizando as Mínimas

É pura lógica pensar no valor de uma mínima — uma nota tocada pela metade do tempo de uma semibreve. Você segura uma mínima pela metade do tempo que faria com uma semibreve. As mínimas são apresentadas na Figura 2-9. Quando você conta as notas da Figura 2-9, fica com algo assim:

PALMA dois PALMA dois PALMA dois



LEMBRE-SE

Como o tempo forte da nota na Figura 2-9 está na mínima, você conta apenas o número dois.

FIGURA 2-9:

Uma mínima é sustentada pela metade do tempo de uma semibreve.



© John Wiley & Sons, Inc.

Você pode ter uma semibreve seguida de duas mínimas, como na Figura 2-10. Nesse caso, contaria as três notas da seguinte maneira:

PALMA dois três quatro PALMA dois PALMA dois

FIGURA 2-10:

Uma semibreve seguida de duas mínimas.



© John Wiley & Sons, Inc.

Considerando as Semínimas

Divida uma semibreve, que vale quatro tempos, por quatro, e tenha uma semínima, com o valor de uma nota por tempo. As semínimas se parecem com as mínimas, exceto pelo fato de o tempo ser inteiramente preenchido pela nota, como na Figura 2-11. As quatro semínimas são contadas assim:

PALMA PALMA PALMA PALMA



LEMBRE-SE

Como a nota de valor mais alto é a semínima, você só contaria até um. Quatro semínimas juntas têm a mesma duração de uma semibreve.

FIGURA 2-11:

Cada semínima vale um tempo.



© John Wiley & Sons, Inc.

Suponha que substituamos uma das semínimas por uma semibreve e outra por uma mínima, como na Figura 2-12. Nesse caso, você contaria:

PALMA dois três quatro PALMA PALMA PALMA dois

FIGURA 2-12:

Uma mistura de semibreve, mínima e semínima se aproxima daquilo que você encontra na música.



© John Wiley & Sons, Inc.